

A FORMAÇÃO DO LEITOR EM FOCO: trajetórias de leitura de estudantes ingressantes no Curso de Pedagogia/UEPB

Gilma Alves Ferreira; Valdecy Margarida da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), gilmaaf_28@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), valmargarida@yahoo.com.br

Resumo

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam diversas particularidades do leitor, entre elas suas características intelectuais, sua memória, sua história. É, também, social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política. A prática da leitura envolve tanto o sujeito da leitura como as condições sócio-históricas em que ele se insere. Neste contexto, este artigo partiu de uma pesquisa realizada com 23 alunos (dentre eles 22 mulheres e 1 homem) do primeiro período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, município de Campina Grande, e tem como objetivo compreender a trajetória e a prática de leitura dos estudantes ingressantes no curso, o contexto sócio-cultural no qual os mesmos estão inseridos, como este fato se reflete no curso de graduação e na carreira docente. Para isto, a coleta de dados ocorreu através na disciplina de Leitura e Elaboração de Texto I quando os alunos foram solicitados a produzirem relatos pessoais narrando como e quando se iniciou o contato com a leitura e a relação que estes mantêm com a mesma, atualmente. Vale ressaltar que os apontamentos feitos sobre a origem social dos pesquisados não foi requerida como critério na elaboração do texto. Estes apontamentos partiram da necessidade de vincular a realidade com a trajetória de leitura. Após a análise temática de conteúdo, pode-se constatar que o vínculo e apreciação pela leitura não é inerente ao indivíduo, pois esta está diretamente ligada ao contexto sócio-cultural que influencia o nível e frequência de contato que os sujeitos tem com a leitura. Ainda, questões como o nível de alfabetização dos pais, a importância que os mesmos dão para a leitura, a religião seguida pela família, a escola de formação, dentre outros pontos, influenciam diretamente na vivência leitora deste indivíduo. Da mesma forma, foi constatado que aqueles que não tiveram uma boa formação leitora durante a infância, sentem dificuldades quando sugeridos exercícios de leitura e elaboração textual, refletindo na sua graduação e, ainda, na profissão docente.

Palavras-chave: Trajetória de leitura, Contexto sócio-cultural, Docência.

1. Introdução

A leitura tem sua prática fundamentada na importância que a mesma exerce na vida social. Ler virou um dos pressupostos para viver tanto nas zonas urbanas como rurais, pois a partir desta prática o indivíduo terá a possibilidade de conhecer os diferentes discursos e ter o poder de posicionar-se. Para Antunes (2009), ler “[...] permite o acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação.” (p. 193)

Entende-se, assim, que ler vai além de identificar signos. O leitor não deve ser apenas capaz de extrair informações da escrita, mas “atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um [...]” (Geraldi, 2006, p. 91 apud Lajolo, 1982ab, p. 59). Trazer a leitura para sua realidade e analisá-la criticamente, não a tomando sempre como verdade absoluta, também um dos pressupostos para a leitura.

Ler é uma prática estimulada, contudo, por vezes, o hábito de leitura é naturalizado de tal forma que é confundido como algo inerente ao indivíduo. Entende-se que aqueles indivíduos que possuem maior familiarização com diferentes tipos textuais dispõem de certo “dom para a leitura”. Entretanto, ao analisar quem são esses sujeitos, as suas formações e a classe social que se vinculam, é possível identificar que os mesmos, em sua grande maioria, não pertencem a grupos marginalizados, pelo contrário, são possuidores de capital econômico considerável.

Antunes (2009) questiona a absurda “coincidência” de que apenas os pobres não possuam esta disposição natural:

Lamentavelmente, até o momento, aprender a ler, ou melhor, ser leitor, tem sido no Brasil prerrogativa das classes mais favorecidas. Quer dizer, os meninos pobres são levados a se convencerem de que “têm dificuldades de aprendizagem” e, portanto, não nasceram para a leitura. [...] Ninguém acredita que esse déficit pode ter uma solução e depende de um conjunto de ações pelas quais somos, todos nós, responsáveis. (p. 186)

Ao entender que a leitura não é um mero ato de decodificação de palavras, fica passível analisar que aqueles que não possuem um contato frequente com textos escritos, apresentam dificuldades de interpretar e contextualizar, mesmo sendo alfabetizados. Quando não estimulada da maneira correta, a leitura não proporciona a elaboração de sentidos e a conexão com outros textos, ficando inviabilizada. Assim, estes indivíduos sentirão certa dificuldade com relação à leitura durante toda a vida, pois suas trajetórias leitoras foram baseadas em práticas falhas que não foram capazes de desenvolver por completo esta competência.

Após desestigmatizar a leitura como inata ao indivíduo e apresentar o seu hábito como construção estimulada e frequente, este estudo tem como objetivo compreender a trajetória de leitura dos alunos ingressantes no curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), analisando o contexto sócio-cultural dos mesmos e como as influências sofridas pela conjuntura que estes estão

inseridos pode refletir na graduação e na profissão docente.

A pesquisa, que se configura como um estudo qualitativo, de natureza exploratória, foi realizada com 23 estudantes (22 mulheres e 1 homem) a partir da solicitação que os alunos do componente Leitura e Produção Textual I escrevessem um texto sobre as suas histórias como leitores. Embora não tenham sido solicitadas informações sobre a origem social desses sujeitos, foi possível realizar essa leitura em função das informações registradas em seus relatos, como o fato de serem provenientes de escolas públicas e não receberem incentivo a leitura por parte da família.

Este artigo está organizado com base na necessidade de uma formulação específica para cada etapa da trajetória de leitura destes alunos. A primeira parte será destinada a discussão sobre a relação do contexto sócio-cultural com a história de leitura relatada pelos discentes, enquanto a segunda irá analisar como esta problemática irá se refletir na vida acadêmica e, posteriormente, na profissão docente.

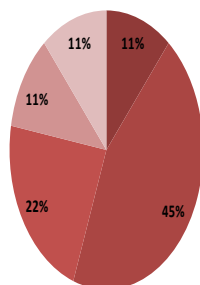
2. História de leitura como reflexo do contexto sócio-cultural

A leitura não se inicia a partir da alfabetização. Ela começa desde os primeiros anos de vida quando a criança já é capaz de identificar e atribuir significados àquilo que vê. 13% dos pesquisados relataram que desde cedo já tinham contato com livros que dispunham de gravuras e que por meio delas era possibilitada a leitura do texto em questão, atribuindo esta ação ao primeiro contato com a leitura. Entretanto, 39,1% fizeram uma ligação direta entre o ato de iniciação à leitura e o período de alfabetização, contando que só a partir do ensino fundamental I tiveram este contato. Segundo Nunes (1994), a difusão da leitura ligada a escola é um dos marcos da modernidade, pois antes disto, era a igreja que dominava esta prática.



Iniciação a leitura

■ 3 anos ■ 6 anos ■ 7 anos ■ 8 anos ■ 9 anos



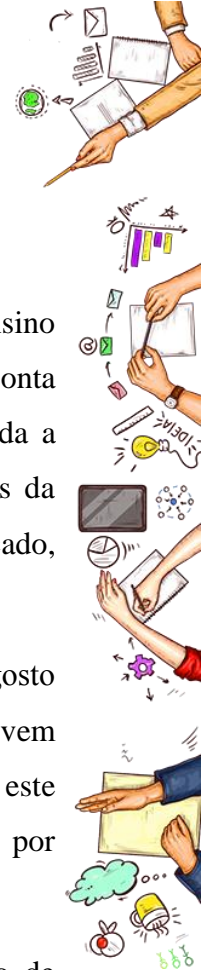
Este gráfico foi feito com base na quantidade de pessoas que relataram.

Tendo em vista que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela propagação da leitura, um dos quesitos escolhidos para analisar o contexto social da trajetória de leitura foi a escola de formação dos indivíduos pesquisados. Apenas 8,7% dos pesquisados deixaram claro a natureza da escola de formação. Dentre eles, todos relataram advir de escolas públicas. As narrações se assemelhavam quando entrava em questão a qualidade do ensino e o nível de incentivo. Os discursos iam desde “Não tive incentivo por estudar em escola pública” até “Poucos professores da escola pública incentivam a leitura”. Entende-se, assim, que existe uma forte visão que as escolas privadas proporcionam em maior escala o pleno desenvolvimento da competência leitora.

É de se imaginar que estes discursos não possuem base empírica, e que disseminam uma visão do senso comum. Contudo, não se pode diminuir ou descartar a importância dos mesmos para a pesquisa, já que demonstram que os alunos advêm de famílias que não possuíam condições de matriculá-los em escolas de cunho privado.

A escola, seja pública ou privada, é importante na formação do sujeito leitor. É a partir dela que o indivíduo terá contato com um maior número de informações sobre esta competência e em uma frequência maior. Contudo, muitas vezes a leitura não é trabalhada da





maneira adequada, ficando, segundo Geraldi (1997), apenas na superficialidade.

Antunes (2009) alerta que a escola tem se preocupado demasiadamente com o ensino da “gramática”, deixando de lado a produção textual e o incentivo à leitura. O autor aponta ainda que o livro, em si, não é o centro das aulas de línguas, o que agrava mais ainda a situação destes alunos que irão sair da escola sem que compreendam todas as funções da linguagem, sem contextualizar o material com a sua realidade e sem atribuir-lhe significado, assim como foi narrado pelos pesquisados.

O hábito de leitura não é inato. Segundo Antunes (2009), “não se nasce com o gosto pela leitura, do mesmo modo que não se nasce com o gosto por coisa nenhuma.”. O jovem precisa que esta habilidade seja exercitada nele. Entretanto, Geraldi (1997), afirma que este papel não é destinado apenas à escola, mas as instituições sociais no geral, como, por exemplo, a família.

A família como instituição social se torna responsável por ajudar no processo de difusão da leitura, porém é necessário ressaltar que, assim como a escola, parte das famílias não auxiliam nesta formação. A partir das descrições dos pesquisados, foram identificados pontos que contribuíssem no entendimento desta problemática e discutido como os mesmos influenciam neste contexto de leitura, estes foram: a importância que a família atribui para a leitura, nível de escolaridade dos familiares e a religião adotada pelos mesmos.

22% dos pesquisados relataram sobre a importância e o incentivo que a família atribuía a leitura. Alguns narraram que membros de sua família lhes contavam histórias durante a infância. Para Kleiman e Moraes (1999), estas crianças que tiveram contato com textos escritos antes do ingresso escolar, terão mais chances de obter resultados neste campo, pois já foi influenciado que as mesmas adquirissem gosto pela leitura:

Quando uma criança já letrada entra na escola, ela já conhece as funções da escrita, já desenvolveu o gosto pela leitura e por isso as práticas analíticas e descontextualizadas das cartilhas [...] alcançam o objetivo visado [...]. Entretanto, a criança não letrada depara-se, muitas vezes, com um código que não tem funções sociais, porque o desenvolvimento do prazer e gosto pela leitura não vêm juntos. (p. 97)

Dentre os 26,1% dos alunos que alegaram advir de famílias com baixo nível de escolarização, alguns narraram que em decorrência do analfabetismo dos pais, não receberam incentivo a leitura dentro do lar, em contraposição, a outra parte afirmou que o incentivo em casa partiu da manifestação de descontentamento dos



pais com a realidade em que viviam, posto que estes não tiveram oportunidade de prolongar seus estudos para assim alcançarem as profissões almejadas. Contudo, dentre os que foram incentivados, ainda há aqueles que contam sobre a dificuldade que seus pais tinham de ajudar por não possuírem o conhecimento necessário.

As doutrinas religiosas adotadas pela família podem ter grande relevância no incentivo e no conteúdo da leitura que destinarão aos membros mais jovens. Dentre as narrativas, foram encontrados relatos que permitiam compreender um pouco desta realidade e dividi-la em duas linhas: a primeira está vinculada à inserção e incentivo, por parte dos pais, que os filhos tenham contato com leituras direcionadas às suas crenças, entretanto, possibilitam também o contato com outros tipos de leitura. A segunda trata-se de uma restrição total de textos que não tratam diretamente das práticas religiosas aderidas pela família.

Enquanto que os pesquisados que alegaram advir das famílias da primeira linha não demonstraram ter tido impedimentos na sua formação leitora por causa de tal fato, já os que caracterização sua família como pertencentes à segunda linha, ressaltaram como isto os afetou bruscamente durante anos e que por decorrência disto, sentem dificuldades de ler alguns tipos de leituras até o então momento que foram escritos os relatos.

Outro aspecto identificado a partir leitura dos relatos relaciona algo que vai além do contexto escolar e familiar foi o afastamentos para com a leitura. Cerca de 17,4% dos pesquisados disseram perder o gosto pela leitura com o passar do tempo. Até mesmo aqueles que contaram ter um contato frequente com a leitura durante a infância passaram a abandonar esta prática. Os que contaram não ler continuamente alegaram passar por um processo de depreciação da leitura. Nas duas ocasiões, os pesquisados justificaram o abandono em decorrência do encontro de outras formas de entretenimento que lhes eram mais interessantes na época.

Kleiman e Moraes (1999), explicam que existem fatores que são favoráveis para que este afastamento aconteça:

[...] geralmente ao iniciar o terceiro ciclo de ensino fundamental, mesmo aquelas crianças que tinham começado a desenvolver gosto pela leitura começam a perdê-lo. Várias são as razões de índole social, como a competição e atrativo de outros meios de comunicação, as mudanças que a faixa etária acarreta, a falta de literatura juvenil de qualidade, que permita passar do livro infantil aos clássicos do colegial sempre lendo e ampliando o seu mundo se leituras (p. 97)

3. Reflexos na graduação e na profissão docente

A partir da análise temática dos conteúdos, pode-se constatar que cerca de 26,1% dos pesquisados disseram ter dificuldade com a leitura dos textos acadêmicos. A maior parte justificou o impedimento na compreensão alegando nunca ter tido contato com leituras de base científica. Um dos estudantes relatou ainda certo temor em não conseguir chegar a concluir o curso, dada a extrema impossibilidade na leitura dos textos sugeridos.

Duarte (2012) afirma que, os alunos apresentam dificuldades quando sugerida atividades de escrita e leitura, pois os mesmos não compreendem o sentido do que lhes foi sugerido. “[...] os graduandos apresentam dificuldades nessas habilidades, devido, por um lado, a lacunas presentes na educação básica; por outro, motivos ligados à sua vida social.” (p. 27).

È reforçada, assim, a ideia que a bagagem leitora trazida pelos estudantes, os influenciará na forma como estes irão lidar com os textos oferecidos no campo acadêmico. Aqueles que tiverem uma bagagem rica e diversa no que diz respeito à familiarização e domínio de leitura com diferentes tipos textuais irão ter melhor rendimento, enquanto aqueles que não tiveram uma boa base durante a educação básica irão sentir mais dificuldades, refletindo no retorno que os mesmos obterão durante a graduação.

Esta problemática torna-se ainda mais agravante no campo acadêmico quando os professores tomam como pressuposto que todos os alunos já possuem conhecimento básico sobre determinados conteúdos, exigindo a leitura de textos que não lhes são passíveis de compreensão dado a realidade social que estes estavam inseridos durante a sua formação leitora.

Quanto ao investimento na leitura dos textos sugeridos, aqueles que por ventura não compreendem os mesmos terão que se dedicar mais a este ato do que aqueles que já possuem habilidade leitora. Este fato faz com que muitos acreditem que não possuem disposição natural e julguem aquele que compreende com mais facilidade como “mais inteligente”.

A partir desta problemática é possível se fazer um paralelo entre o rendimento acadêmico e a profissão docente, entendendo que aqueles sujeitos que não obtiveram um bom rendimento durante a graduação, irão basear suas práticas, se chegarem a exercer a profissão, nas exigências que a escola requeira, sem contestar criticamente se parte dessas práticas condizem com o que os mesmos acreditam.

Tal atitude é resultado, segundo Luckesi (1987), do fato do docente não ter explicita suas opções teóricas, pois não é possível que o professor não tenha uma base teórica sobre as diferentes linhas de atuação do educador e mesmo assim consiga colocá-la em prática por completo.

Luckesi (1987) afirma ainda que ao agir de forma puramente burocrática no campo educacional, o profissional está a “[...] fazer o jogo de decisões alheias; muitas vezes, decisões que nem mesmo o agente aceitaria se delas estivesse consciente. Neste caso, estar-se-ia trabalhando por um projeto exterior, que não fora forjado na prática dialética do dia-a-dia.” (p. 28).

4. Conclusão

A leitura não pode ser reduzida a mera ação de decodificação de palavras e atribuição de significado, o seu valor social está em conseguir relacionar o que foi lido com a realidade que se está inserido e fazer uso dos diferentes tipos de discursos para fundamentar um pensamento crítico

A sua prática também não pode ser entendida como algo inerente ao indivíduo, pois a mesma é fundamentada no estímulo e no hábito. Os indivíduos que durante a infância não são levados a adquirir o gosto pela leitura, não irão aderir a sua prática por não atribuir-lhe sentido. Entendendo, assim, que o contexto no qual este indivíduo é modelado, irá refletir no sujeito leitor que o mesmo irá de tornar.

Ao decorrer deste estudo foi identificado que a maior parte dos estudantes ingressantes no curso de pedagogia não teve uma base leitora considerável durante a infância. Os motivos apontados pelos mesmos para este fato partiram de fatores propiciados pela conjuntura sócio-culturais na qual os mesmos estão inseridos, como a escola de formação, o nível de escolaridade dos pais, a importância que os mesmos dão para a leitura, etc.

Apenas 8,7% afirmaram que seus hábitos de leitura permaneceram até a atualidade, mostrando que aqueles que dominam diferentes tipos textuais são uma parcela mínima se comparado ao número de pesquisados.

O ingresso a universidade não garante que se receberá bons resultados, visto que aqueles que não possuem base leitora sofrem ao

decorrer do curso com as inúmeras impossibilidades que lhes são apresentadas, desde o requerimento da leitura de um texto até a elaboração de um trabalho proposto.

Não somente na vida acadêmica o reflexo de uma trajetória de leitura escassa é notado, mas também no próprio exercício da profissão docente, visto que os graduandos que não conseguirem compreender as diferentes opções teóricas que cercam o campo da prática pedagógica, não terão clareza nas ações que irão tomar durante a profissão, ficando a mercê dos mandes da escola de atuação.

Referências

ANTUNES, Maria Irandé. A leitura: de olho nas suas funções. In: **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 185-206.

DUARTE, Nayara Araújo. Esquema. In: **Professora, como é que se faz?**. Campina Grande: Bagagem, 2012. p.27-42.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997. p. 88-99

KLEIMAN, Angela B, MORAIS, Silvia E. Leitura e práticas disciplinares. In: **Leitura e Interdisciplinaridades: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 89-119.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O papel da didática na formação do educador. In: **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 25-34.

NUNES, José Horta. O leitor: uma abordagem discursiva. In: **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 13-34.